



# ISRAEL

REVISTA DE ATUALIDADES CULTURAIS, EMPRESARIAIS E CIENTÍFICAS

Nº 32 - ANO III

EDIÇÃO ANIVERSÁRIO DE JERUSALÉM

JUNHO - 1995

- *Jerusalém: cidade envolvente e contagiante.*
- *Turismo e economia em alta*
- *Mestres do piano apresentam-se na Hebraica*
- *Debate: atendimento a judeus carentes*

# Jerusalém envolve itensamente seu habitante na realidade de Israel

(Entrevista com Reuven Faingold)

H. DANIEL CORDEIRO

**REUVEN FAINGOLD**  
é professor de História  
Judaica, doutorado pela  
Universidade Hebraica de  
Jerusalém; Membro do  
Congresso Mundial de  
Estudos Judaicos; um dos  
diretores do Arquivo  
Histórico Judaico e editor  
da revista "GERAÇÕES /  
BRASIL" da Sociedade  
Genealógica Judaica do  
Brasil. Mora em São  
Paulo, é casado e tem  
dois filhos.



Faingold:  
"em  
Jerusalém, a  
notícia nos  
persegue"

— O que se sabe de Jerusalém antes de sua conquista pelo rei Davi?

— Como você sabe, Jerusalém é uma cidade muito antiga. Ela já existia desde tempos remotos e aparece citada em inscrições egípcias que datam de 2000 a.C.. Na época da conquista de Canaã pelos israelitas, ela estava habitada pelos jebuseus. A própria Bíblia (Livro dos Juizes 19: 10) menciona Jerusalém com o nome de Jebus. No entanto, nas famosas cartas de Tel-El-Amarna a cidade é chamada Urusalim, que pode traduzir-se como "A cidade da paz". Com a partilha e os assentamentos das tribos em Canaã, foi a tribo de Judá que ficou com Jerusalém, sem expulsar a população nativa (jebuséa) que lá morava. O tempo foi passando, o período dos Juizes acabava e o Povo de Israel solicitaria reis para governar.

No relato bíblico em Samuel II, 5: 6, Davi foi quem conquistou a fortaleza jebuséa de Zion e logo depois a cidade completa. O texto diz que os muros desta cidade eram tão fortes que o rei jebuseu jactava-se perante Davi que este não conseguiria conquistá-la e que bastariam cegos e coxos para impedir a queda mesma. O **happy end** da história é bem conhecido: A cidade cai em mãos dos israelitas e assim transformou-se na capital do Reino.

— Quais foram, na sua opinião, os momentos históricos mais importantes da cidade nos últimos 3000 anos?

— Sua pergunta é muito geral e um tanto difícil para eu sintetizá-la em poucas linhas. Gostaria apenas de assinalar que Jerusalém deve ser a cidade que possui o maior índice de citações e referências bibliográficas, e bas-

ta lembrar que a Enciclopédia Judaica, na sua versão inglesa, no volume 9, dedica mais de 200 páginas ilustradas e enfoques históricos, geográficos, arqueológicos e até cartográficos sobre a cidade santa. De qualquer forma, gostaria de mencionar alguns momentos que considero relevantes na história da cidade.

Citaria em primeiro lugar a conquista de Jerusalém pelo rei Davi e as fortificações das muralhas feitas pelo seu filho, o rei Salomão; a queda de Jerusalém em 586 a.C. pelo rei babilônio Nabucodonosor e cinquenta anos depois, em 536 a.C., o almejado retorno a Israel com Esdras e Neemias; a conquista de Jerusalém pelas tropas de Alexandre Magno, em 333 a.C., e a guerra contra os valentes Macabeus em 165 a.C.; a inesquecível destruição do Segundo Templo em 70 d. C., por Tito-Vespasiano e a revolta de Bar-Kochva em 132 d.C.; a queda de Jerusalém pelo califa Omar em 637 d.C. as matanças de judeus jerosolimitanos em 1099 por hordas de cristãos ( e durante todo o período das Cruzadas ); o domínio dos Mamelucos durante os séculos 13-15; a conquista de Jerusalém pelos turcos otomanos por espaço de 400 anos (1517-1917); a entrada vitoriosa do general Allenby, iniciando-se desta forma o domínio britânico em Eretz Israel; a Independência de Israel e o estabelecimento do jovem Estado com seu novo Parlamento; a Guerra dos Seis dias em 1967 quando, numa ação militar ímpar, os comandos de elite do Exército de Defesa de Israel libertaram Jerusalém dos jordanianos.

Estes são, na minha opinião, aqueles momentos mais notáveis que marcaram com letras de fogo o heroísmo judaico na luta por Jerusalém.

— Você detecta alguma semelhança comum na forma de lidar com Jerusalém, por parte dos ocupantes não-judeus (árabes, cruzados, turcos ou ingleses) ?

— Gostei de sua pergunta porque me permite fazer uma abordagem comparativa das formas em que os diferentes conquistadores ou "dominadores" se relacionavam com Jerusalém. Existe uma vasta literatura sobre esse assunto. Vejamos a modo de ilustração, o *approach* de muçulmanos e cruzados:

A relação dos muçulmanos para com os judeus de Jerusalém foi peculiar. Os judeus sempre tinham o status de *Al-Dhimmi*, ou seja, "tolerados". Eram respeitados por possuírem Escrituras Sagradas, embora a superioridade árabe não podia nunca ser colocada em jogo. Bastava que os judeus vivessem na sua lei e não desafiassem o status quo imposto pelo Islão. O Islão não matava o infiel, ele devia viver subjugado, ele pagava ao soberano de turno altos tributos para garantir sua própria existência na sociedade.

No entanto, durante as Cruzadas, o cristianismo (com forte apoio do Papado), aproveitou a ocasião para humilhar e castigar duramente os judeus. As comunidades judaicas do "Reino Latino de Jerusalém" foram alvo de atrocidades jamais vistas anteriormente. As próprias crônicas da época falam por si mesmas. Embora Agostino e os Escritos dos Padres da Igreja não ensinavam a matar judeus, a "arraia-miúda" não entendia os textos em latim e saiu às Cruzadas para fazer "justiça" com as próprias mãos.

O primeiro a ser atingido era, logicamente, o judeu... E aqui evito fazer qualquer tipo de comentário sobre as conversões forçadas e a Inquisição ou outras épocas onde ficava evidente essa relação de hostilidade, intolerância e intransigência que manteve o Catolicismo com seus co-irmãos judeus.

— Os historiadores concordam que Jerusalém é uma cidade mais judaica que muçulmana ou cristã?

— Eu, pessoalmente, acredito que sim. Não obstante sou suspeito por ser um historiador judeu. Mas, permita-me explicar esta hipótese, uma vez que ela penetra no campo da subjetividade.

A relação dos judeus com Eretz Israel foi, de fato, fruto de uma promessa, elemento indispensável no pacto original. A cidade de Jerusalém nunca pertenceu a uma tribo, nem mesmo a tribo de Judá. No Livro I das Crônicas, 14: 4, está escrito: "E David e todo Israel foram a Jerusalém". A conquista da cidade foi obra de todo o povo, e para ela deverá retornar. Além disso, não é necessária uma demonstração (por meio de textos) que Jerusalém significou para os judeus a esperança na vida e na fé mosaica. Jerusalém foi centro de peregrinação não apenas para os judeus que habitavam a Terra de Israel, mas também para aqueles que viviam na Diáspora. Evidências de que Jerusalém pertenceu aos judeus achamos em Flávio Josefo, em Filon de Alexandria, no *Velho e Novo Testamento*, na rica literatura talmúdica, em textos de *Haskala* (ou Iluminismo), no Hassidismo, nos Sionistas. Um outro fato que todos nós sabemos é que o exílio, após a destruição do Segundo Templo, não quebrou os vínculos entre os judeus e Jerusalém.

As orações, as lamentações e os hinos de louvor cantados pelos israelitas mencionam a cada momento a cidade de Jerusalém, ou *Tzion-Ierushalain*. A ligação do judeu com Jerusalém ficou intacta, mesmo com a destruição dos Templos, acontecimentos que foram vistos sempre como um castigo divino.

Para concluir esta pergunta posso dizer que a historiografia, neste último século, colocou em evidência que estes compromissos religiosos iam além das expectativas meramente visionárias. Era, de fato, uma forma de fazer tangível um desejo milenar.

— Como os elementos religiosos e nacionais judaicos ligam Jerusalém com o Estado de Israel?

— Isto depende da forma em que você define elementos religiosos e elementos nacionais. Sempre houve sub-divisões radicais a ala religiosa como também na ala nacional judaica. Para poder simplificar a minha resposta tentarei fazer uma divisão (um tanto arbitrária) entre judeus religiosos (observantes) e judeus nacionalistas (sionistas). Para os primeiros, Jerusalém faz parte inseparável de um cosmos baseado na liturgia: ele reza voltado para Jerusalém, visita seus lugares, ela o lembra constantemente, ele teme esquecê-la, por ela chega a dar sua vida. Seu vínculo é principalmente emocional.

Para os sionistas, Jerusalém é um símbolo que possui um forte significado histórico. Ela representa a síntese de um passado glorioso, ela resume os acontecimentos de uma história

ímpar, se comparada com a história de outros povos. Seu vínculo é racional. Não por acaso a obra de Moisés Hess (um teórico sionista socialista) se intitula *Roma e Jerusalém*.

Por outra parte, devemos lembrar que o movimento sionista manteve duas posições diferentes perante a demanda de um Estado judeu soberano. O Estado político como tal, nunca esteve no programa sionista, pois já nos dias da *Declaração Balfour*, em 1917, se falava em "Lar Nacional". Somente quando as portas de Eretz Israel se fecharam aos imigrantes com a publicação dos nefastos Livros Brancos, a idéia de soberania nacional iria prevalecendo.

— Você conhece algum exemplo de cidade que tenha sido ao mesmo tempo capital de mais de um Estado soberano? Acha que seria possível Jerusalém ser também capital de um futuro Estado Palestino?

— Para qualquer pergunta que pretenda cogitar a possibilidade que Jerusalém seja ao mesmo tempo capital do Estado de Israel e de um futuro Estado Palestino, minha resposta é negativa. Eu não conheço no Direito Internacional um caso semelhante, e pessoalmente acho esta possibilidade muito remota, quase que impossível. Na constelação geo-política atual do Oriente Médio, mesmo após os tratados de paz assinados com o Egito, com a Jordânia e com a O.L.P.; não há condições para que este tipo de situação possa converter-se em realidade. Duvido que isto possa chegar a acontecer também num futuro próximo...

— Enquanto você viveu em Jerusalém, como sentia os problemas geopolíticos da cidade?

— Uma coisa eu posso garantir a você: resulta muito difícil viver em Israel e tentar fugir (sequer por alguns momentos) dos problemas que surgem no dia-a-dia. Você não encontra um refúgio para sair da realidade do país (ou eventualmente de Jerusalém), onde grande parte desses problemas se agudizam. Você não consegue. Os meios de comunicação se encarregam de que você fique atualizado. Eles te procuram e te acham onde você estiver. É inacreditável...

Eu vou tentar ilustrar isso com um exemplo: Acordo de manhã e o rádio Ko Israel vai informando (de hora em hora) se aconteceu alguma mudança geopolítica, ora na *Realpolitik* das negociações, ora o âmbito da logística militar. Os eventuais atentados da O.L.P. (hoje dos extremistas do grupo "Hamas") viram manchete e obrigam você - quase que de forma incoerente - a comprar aquele dia o jornal. Às 17:00 horas quem chegou cedo em casa pode assistir um resumo do dia. Às 21:00 horas em ponto todos os habitantes do país acomodam-se em confortáveis sofás ou poltronas para poder assistir as *Hadashot* (O Jornal Nacional), com o resumo dos principais acontecimentos do dia. Você acha que desta forma o cidadão de Israel pode fugir do cotidiano? Impossível!